



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

O ENQUADRAMENTO DAS NOTÍCIAS SOBRE OS

ESTRANGEIROS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS

Liege Scremin¹

Elaine Javorski²

RESUMO

Este trabalho analisa as notícias televisivas relacionadas à vinda de profissionais estrangeiros para o Programa Mais Médicos, criado pelo governo federal em julho de 2013. O objetivo é entender de que forma o assunto têm sido tratado pela mídia. Para tanto, foram observadas as edições do telejornal Bom Dia Brasil entre os meses de abril e setembro e analisadas, a partir do conceito de enquadramento noticioso, 28 peças que se referiam ao tema. A reflexão teórica se baseia na discussão sobre as características do povo brasileiro e seu relacionamento com os imigrantes, através da visão antropológica de Roberto DaMatta, e na representação que a mídia faz dessa relação.

Palavras-chave: Programa Mais Médicos, Telejornalismo, Bom Dia Brasil, identidade nacional

INTRODUÇÃO

O programa Mais Médicos foi lançado em 8 de julho de 2013 com o objetivo de abrir 10 mil vagas para médicos em regiões como o Norte e o Nordeste, bem como nas periferias de grandes cidades e municípios do interior do país. As vagas foram oferecidas primeiro a profissionais diplomados no Brasil ou certificados pelo

¹ Liege Scremin, acadêmica do curso de Jornalismo da UniBrasil, integrante do grupo de pesquisa sobre Representação das Migrações Contemporâneas na Mídia. E-mail: liscremin@hotmail.com

² Elaine Javorski, doutoranda pela Universidade de Coimbra, professora-pesquisadora da UniBrasil, supervisora do grupo de pesquisa sobre Representação das Migrações Contemporâneas na Mídia. E-mail: elainejavorski@hotmail.com.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Revalida (exame pelo qual devem passar os que têm diplomas emitidos no exterior) e, depois, caso não houvesse o total preenchimento das vagas, a médicos estrangeiros.

Segundo dados do Ministério da Saúde, o Brasil possui hoje 1,8 médicos para cada mil habitantes, índice inferior a países como Argentina (3,2), Uruguai (3,7) e Portugal (3,9). Também há uma desigualdade na distribuição dos médicos no país. Por esse motivo, além de medida de importar médicos de outros países, o governo anunciou outras providências como a atuação dos alunos de graduação em Medicina em unidades básicas de saúde, urgência e emergência do SUS, abertura de novas vagas nas universidades, criação de cursos em universidades privadas de regiões prioritárias e investimentos na infraestrutura de hospitais e unidades de saúde.

Na primeira etapa do programa, foram inscritos 1.618 médicos, dentre eles 358 eram estrangeiros. Esse número representava 10,5% da demanda total do projeto, já que foram requisitados 15.460 médicos, em 3.511 municípios. A baixa adesão obrigou o governo a ampliar prazos para, por exemplo, confirmar o interesse nas vagas. Segundo matéria veiculada no Bom dia Brasil (27/08/13), 682 médicos formados no exterior chegaram no país no dia 25 de agosto e começaram a ter aulas de português e saúde pública, em oito capitais, e por três semanas iriam estudar doenças típicas brasileiras e o sistema do SUS.

O caso gerou um grande desconforto entre a classe médica. Diversos conselhos de medicina se manifestaram contra a vinda de médicos estrangeiros alegando que a medida é paliativa, ineficaz e abre uma brecha para atuação de profissionais cuja formação não foi endossada pelos órgãos competentes no Brasil. A discussão mostrou-se interessante para o grupo de pesquisa sobre “Representações da Migração Contemporânea na Mídia”, da UniBrasil, que faz um monitoramento de alguns telejornais diariamente em busca de material que trate desse assunto. Por isso, o grupo pode acompanhar as primeiras notícias sobre a “importação” de médicos para o país ainda antes do anúncio dos Mais Médicos. Parte do grupo que acompanha a mídia televisiva, encontrou esse tema pela primeira vez em maio de 2013, no telejornal matutino Bom Dia Brasil, da Rede Globo. A observação foi feita até setembro, totalizando 131 edições. Foram encontradas 28 referências ao assunto. A análise de conteúdo levou em consideração a abordagem dada pelo telejornal



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

segundo o conceito de *news frame*, ou enquadramento noticioso. Desta forma, é possível entender que partes da realidade se tornam notícia. A base teórica busca na reflexão antropológica de DaMatta, pistas para compreender de que forma os estrangeiros são recebidos no Brasil contemporâneo e, através da mídia, são representados. Assim, entendendo que a mídia é uma via de duas mãos, por meio da qual se expressam os sentimentos da sociedade mas também são criados e reforçados diversos estereótipos, é necessário estudar seus reflexos e suas intervenções na realidade social.

Sentidos, significações, ideologias, valores e preconceitos são construídos pelos discursos estabelecendo relações de poder. Os meios, em si mesmos, são instrumentos que têm o poder de influenciar as sociedades complexas, espalhando mensagens entre multidões de pessoas, sobre vastos territórios, e refletem interesses e contradições de outras instituições e da própria mídia. Na tevê são encenadas muitas das mais importantes dimensões da política contemporânea, mas também são promovidos conhecimentos sobre a realidade social (BECKER, 2005 apud BECKER, 2010).

Sendo assim, a mídia resguarda o papel de reafirmar identidades, assim como expressar e fazer insurgir interesses e desejos muito diferentes do cotidiano, coisas não comuns e práticas que talvez não façam parte da ideologia de vida daquela pessoa. Em palavras mais claras, a mídia pode influenciar certas opções, apenas por ser a pauta do momento ou o assunto que está sendo mais comentado. Para Becker (2010, p. 112), “Na sociedade contemporânea não há competência comunicativa se não se dominam os códigos da expressão audiovisual. O ideal é que os telespectadores-usuários sejam capazes não apenas de compreendê-los, mas também de se expressar mediante eles para não serem condenados a ser simples receptores passivos e acrílicos”. Até porque as pessoas tendem a interagir e prestar a atenção em coisas ou assuntos que despertam o interesse delas, portanto os meios devem ser analisados para saber como produzem os signos, que por sua vez, implicarão diretamente no pensamento de cada ser humano. E ainda, para resguardar que o telejornalismo mantenha suas características principais de poder ser considerado como um espaço público, de esfera das trocas discursivas, do debate de ideias e da argumentação. A televisão é ainda, considerada o meio que proporciona maior acessibilidade a população, mesmo que contenha uma ideologia subjetiva, é ela quem



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

alimenta e abastece o repertório do telespectador, que por sua vez usa isso a favor de inserir-se as conversas cotidianas. A questão da representação dos indivíduos diante das câmeras de televisão também é abordada por meio dos conceitos de Goffman, de forma a entender as influências da mídia, principalmente a televisiva, nas alterações de comportamento do indivíduo, uma vez que o mesmo sente-se parte daquilo, pois saber o que está acontecendo lhe proporciona o sentimento de co-responsável pelo acontecimento. Iluska Coutinho fala que “a expectativa dos telespectadores, de quem tem contato com as informações jornalísticas por meio da TV, é exatamente essa; ao se expor ao fluxo televisivo, desejariam, deveriam e poderiam se sentir testemunhas diretas do fato noticiado. Ao jornalista de televisão caberia o papel de mediador, enquanto a câmera se converteria nos olhos do telespectador, o “olho eletrônico” de McLuhan” (2003, p.4).

Quem somos nós, os brasileiros?

Para entender a forma com que a mídia tratou o caso dos médicos estrangeiros para o Brasil, é necessário voltar o olhar primeiro para compreender quem é o povo brasileiro. Para além da corriqueira associação ao carnaval, futebol e alegria, há uma série de nuances, díspares em diversas partes do país, que é necessário perceber na busca pela identidade na nação. Segundo Roberto DaMatta (2001, p.15), trata-se sempre da questão de saber quem somos e como somos, sobretudo quando nos damos conta de que o homem se distingue dos animais por ter a capacidade de se identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele é. A diversidade cultural trouxe, desde a fase colonial, uma série de tentativas de explicar essas questões que, complexas, resultaram em diversas teorias. A escolha da interpretação do antropólogo Roberto DaMatta como parte da reflexão teórica desse contexto se mostrou pertinente por conta da análise dos valores do Brasil contemporâneo e sua relação com a multiculturalidade.

A identidade de um povo é geralmente atribuída por meio de características singulares, bastante simplificadas, para que se chegue a uma unidade. Para o brasileiro, por exemplo, é normal ser católico e acreditar em orixás, ou ficar “malandramente em cima do muro”. Já para os americanos é normal ir a museus no domingo, ter amor pela música clássica ou entender o cidadão como algo “individual”



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

(DaMatta, 2001, p. 17). Isso é a construção de uma identidade social, feita de afirmativas e negativas diante de certas questões. Por meio dessa “fórmula” é que são traçados os perfis de um povo, assim como com questões mais claras e objetivas como PIB, PNB, renda *per capita* ou mesmo a inflação.

DaMatta (2001) acredita que para entender o Brasil atual e suas consequências é necessário revê-lo de outra perspectiva, uma vez que segundo ele, o país é uma chave dupla, pois temos diversas implicações políticas, econômicas e sociológicas que acarretam na capacidade relacional do antigo com o moderno. O autor faz um paralelo entre a casa/lar e o mundo.

Daí a ideia tão corrente, mesmo no nosso Brasil urbano e moderno, da proteção das fronteiras da casa, seja de suas soleiras materiais, seja – principalmente – de suas entradas e saídas morais. Por tudo isso o grupo que ocupa uma casa tem alto sentido de defesa de seus bens móveis e imóveis, e, junto com isso, da proteção de seus membros mais frágeis, como as crianças, as mulheres e seus servidores (...). Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos. (DaMatta, 2001, p. 26).

Já no universo paralelo ao da casa, a rua, tem-se um espaço físico demarcado pela insegurança, pois quem governa já não é o pai ou o irmão mais velho, mas sim as autoridades, que se pensadas na época do regime escravocrata que regeu o Brasil durante anos, pode ser entendida como os senhores feudais. Ainda nesse sentido, numa sociedade dividida entre senhores e escravos, Antonil (apud DaMatta, 2001, p.37) afirmava que “o Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e um paraíso para os mulatos”, porém esse aspecto revela muito mais do que o fenômeno biológico e racial, envolve também questões morais e políticas.

Realmente não custa lembrar que as teorias racistas europeias norte-americanas não eram tanto contra o negro ou o amarelo (o índio, genericamente falando, também discriminado como inferior), que eram nítida e injustamente inferiorizados relativamente ao branco, mas que também eram vistos como donos de poucas qualidades positivas enquanto “raça”. O problema maior dessas doutrinas, o horror que declaravam, era, isso sim, contra a mistura ou miscigenação das raças. É certo, diziam elas, que avia uma nítida ordem natural que graduava, escalonava e hierarquizava as “raças humanas” (DaMatta, 2001, p. 38)

O branco sempre foi tido como o mais desenvolvido, o que ocupava o lugar mais alto na cadeia de liderança. Já a mistura do amarelo com o negro supunha algo degenerativo e que poderia levar ao extermínio da raça humana. Entender essas



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

teorias que temiam as miscigenações conduzem a uma curiosidade, não só intelectual, para distinguir e esclarecer as diferenças do preconceito brasileiro, do europeu. Segundo DaMatta, essa miscigenação e esse acasalamento é que o certificavam do nosso fim como povo e como processo biológico. Seu problema não era a existência de raças diferentes, desde que essas “raças” obviamente não se misturassem (2001, p.39). O autor, ainda ressalta “Daí a palavra “mulato”, que vem de *mulo*, o animal ambíguo e híbrido por excelência; aquele que é incapaz de reproduzir-se enquanto tal, pois é o resultado de um cruzamento entre tipos genéticos altamente diferenciados” (2001, p. 39).

Entende-se dessa forma que havia um consenso quase que generalizado sobre a raça do brasileiro, uma vez que essa era mistura de duas outras não “puras”, o que induzia ainda mais o preconceito existente na época. Agassiz, citado na obra de DaMatta afirma:

Que qualquer um que duvida dos males dessa mistura de raças, e se inclina, por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venham ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente do amálgama de raças, mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental (ASSIZ apud DAMATTA, 2001, p. 40).

Desta forma, não é difícil entender a carga sociológica e o preconceito contextualizado que o brasileiro carrega por conta da colonização que teve. Esse dualismo de caráter não deveria supor que a oposição inclui um para excluir o outro. Isso é carga do racismo americano, pois para o brasileiro que tem um infinito conjunto variado de categorias raciais intermediárias, apenas reforça a ideia nativa de que o mulato é, na verdade, uma cristalização perfeita das outras raças. Para os brasileiros a ideia de ter sido feito de brancos, negros e índios se faz de maneira simples, sem críticas e supondo-se que esses mesmos se encontraram de forma espontânea, numa espécie de carnaval biológico. Mas ainda assim, DaMatta ressalva, “O fato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios” (2001, p.46). Essa mistura traz para o Brasil carnavais e hierarquias, igualdades e aristocracias, com cordialidade do



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

encontro cheio de sorrisos cedendo lugar, no momento seguinte, à terrível violência dos antipáticos (DaMatta, 1997).

Isso traz outro princípio à tona, a ideologia. A forma com que as sociedades tratam o indivíduo também faz diferença na forma com que ele se comporta nesse meio. Será que elas fazem uso dos mesmos princípios e veem o sujeito como parte central do universo? Segundo DaMatta a resposta é negativa:

Na Índia, como revela Dumont, o indivíduo é o renunciador: aquele que rejeita o mundo. No Brasil, o ato de individualizar-se pode ser equivalente a uma renúncia do mundo, mas o indivíduo é também aquela identidade social que pertence ao mundo anônimo das massas. Pois o que significa renunciar ao mundo no Brasil e na Índia? Trata-se em ambos os casos, de recusar um poderoso sistema de relações pessoais. E isso, no caso brasileiro, conduz à rejeição da família, do compadrio, da amizade e do parentesco, deixando que assim proceda na situação de certos migrantes nossos conhecidos: inteiramente submetidos às leis impessoais da exploração do trabalho e ainda aos decretos e regulamentos que governam as massas que não têm nenhuma relação. (1997, p.23)

Esse conceito pode exemplificar o que aconteceu com os médicos estrangeiros que chegaram ao Brasil, uma vez que eles estão sim submetidos ao sistema brasileiro de relação interpessoal, e se não aderem, obviamente são excluídos. “Caso se torne um migrante, será provavelmente transformado em mero átomo no oceano de indivíduos que passam a ser força de trabalho e podem ser impiedosamente explorados” (DaMatta, 1997, p.24). O ponto essencial é notar que mesmo numa sociedade contemporânea ainda podem prevalecer alguns costumes, ideologias, valores e grupos sociais que pretendem estar acima do tempo e que fazem jus a hierarquia das classes ou mesmo das raças. Uma nação que se diga de fato nação deve ter abolido todas as formas de segmentação, seja de clã, tribos, reinos ou feudos, pois deve-se haver a integração da sociedade, para que os indivíduos não se tornem parte de subgrupos que se autodomina e seccionem.

E ainda como, nesse modo de coletividade, os indivíduos atuam socialmente de forma diversa. Ou seja: na nação, os indivíduos têm na atuação social uma opção que podem exercer ou não para formar a “sociedade civil”. Ao passo que, nas sociedades segmentadas, complementares e tradicionais, o social não é uma opção oposta ao



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

mundo individual. Ao contrário, ele se impõe à pessoa como parte integrante de sua consciência. Aqui, a totalidade tem na unidade – a pessoa – um dos seus prolongamentos essenciais e complementares (DaMatta, 1997, p. 225)

O brasileiro é um povo caridoso, bondoso e que entende a sociedade como um todo, e não como parte, porém é preciso reconhecer, que assim como em outros países, a vertente individualista também existe, pois ela está presente em nossos aparatos legais, uma vez que as leis foram feitas para os indivíduos e como fonte de igualdade, o que justificaria tal comportamento em relação aos médicos estrangeiros.

As representações sociais na mídia

Erving Goffman entende que os indivíduos estão constantemente em cena, ou seja, representando um papel de acordo com a situação em que se encontra. Assim, uma pessoa pode ter representações diferentes para que seja aceito em tal ambiente, compondo um personagem que cause boa impressão.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são os que parecem ser (2002, p. 25)

Park, citado em Goffman (2002, p.27), levanta uma questão interessante de que sempre e em todo lugar as pessoas estão meio que conscientemente representando papéis, pois teoricamente quando se está sozinho faz coisas que em público não faria, mas isso não é de todo ruim, pois é através desses papéis que elas se conhecem. A sociedade em si estabelece meios para categorizar as pessoas e com esses padrões pré-estabelecidos julga o que é “certo”, “errado”, natural ou não perante os olhos da comunidade, dessa forma, quando um estranho nos é apresentado a primeira impressão que temos é através dos atributos e da identidade social que ela carrega.

O fato de estigmatizar as pessoas também influencia na boa ou má recepção dos imigrantes, uma vez que segundo Goffman, o estigma nada mais é do que a concepção dos sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de alguém, é quase que um pré-conceito estabelecido. Esse caso em específico, pode ser entendido como um estigma tribal, de



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

raça ou nação, que são transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família:

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aquele que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 1998, p. 11)

Ou seja, o imigrante possui atributos diferentes do que se havia previsto, e por isso é entendido como diferente, sofre com a questão de aceitabilidade porque é julgado como anormal, ou que não está de acordo com padrões brasileiros. Pode ainda ficar indiferente a sociedade e isolado por considerar-se fracassado, mantendo-se assim a sua identidade nacional e entendendo que o país em que está inserido é que é, na verdade, o errado. “Além disso, ainda pode perceber geralmente de maneira bastante correta que, não importa o que os outros admitam, eles na verdade não o aceitam e não estão dispostos a manter com ele um contato em “bases iguais” (GOFFMAN, 1988, p. 17). A mídia em si carrega papel fundamental na estereotipação do imigrante, uma vez que é ela quem dá suporte para que a população crie uma concepção das outras nações que chegam ao país, pois a principal característica da informação jornalística em televisão é o seu caráter emocional e a facilidade de sua apreensão, através dos cortes de imagem, das falas e até mesmo do enquadramento que traduz alguns aspectos da essência do personagem. O número de cortes, o sincronismo com a trilha, a sobreposição de imagens, a transição entre as tomadas, o silêncio e diversos outros recursos ditam a quantidade de conteúdo que o espectador recebe, bem como o tempo que ele vai ter para refletir antes do início de uma nova cena, um novo diálogo, uma nova informação. Coutinho, ainda ressalta que “No caso do jornalismo, é interessante acrescentar, essa “ilusão” ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador, em um simulacro do olho-no-olho que garante a proximidade, e que marca uma distinção à direção do olhar dos atores em cena na narrativa ficcional” (2003, p.7).

Os médicos estrangeiros no telejornalismo: análise do Bom Dia Brasil



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Para entender de que forma a chegada dos médicos estrangeiros foi apresentada na mídia televisiva, foi analisado o noticiário Bom Dia Brasil durante os meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro de 2013. A escolha desse telejornal se deve, primeiramente, à escassez de estudos dedicados à informativos desse horário, a expressiva audiência e também ao próprio perfil de telejornal matutino, com reportagens mais leves (*soft news*), mais tempo para exibição (que confere melhor contextualização) e maior abertura para comentários por parte dos apresentadores. A amostra consistiu na observação de 131 dias na íntegra do telejornal. Foram encontradas 28 peças relativas ao tema, que passaram por uma análise de conteúdo utilizando variáveis de forma (data, gênero jornalístico, espaço ocupado), conteúdo (personagens apresentados, nacionalidade e situação jurídica do imigrante, tema principal da matéria) e discurso (narrativa, tom e argumentação dominante da peça, fontes) (FERIN, 2012).

A análise dessas variáveis seguiram a perspectiva proposta por Goffman, relativa ao conceito de enquadramento, ou *frame*, que depois seria aplicado diretamente ao jornalismo por autores como Entman e Tuchman, como *news frame*. Para Goffman, o enquadramento definiria o contexto ou marco de interpretação através do qual as pessoas se detêm em alguns aspectos da realidade e ignora outros. O mesmo aconteceria com os jornalistas quando da seleção dos aspectos que deveriam compor a notícia. Para Scheufele (1999), os meios de comunicação constroem a realidade social por meio de um enquadramento da realidade e suas imagens. Desta forma, o jornalista acaba por focar uma parte da realidade em detrimento de outra. Na televisão, devido à dinâmica do tempo e espaço, esse enquadramento é ainda mais evidente, já que as notícias que vão ao ar com a duração de poucos minutos. A reconstrução dos fatos através de imagens também proporciona um enquadramento diferenciado dos outros veículos que não precisam necessariamente “estar presentes no momento do acontecimento”.

As notícias relacionadas aos estrangeiros no programa Mais Médicos começaram a aparecer em maio de 2013, ainda antes do anúncio do governo. No dia 13, o Bom Dia Brasil apresenta uma matéria falando sobre a precariedade da saúde pública no Brasil, o que acarreta na falta de profissionais de medicina. Com



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

comentário de Alexandre Garcia, acena-se a possibilidade da contratação de médicos estrangeiros para trabalharem no Brasil. O jornalista fala também da precariedade estrutural da saúde pública no país e a questão da revalidação de diplomas. Nesse mesmo mês o assunto volta a aparecer mais três vezes, dessa vez tratado diretamente do Programa Mais Médicos. Na primeira matéria, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, afirma que a contratação dos estrangeiros não poderia virar “tabu”, a segunda com enfoque na revalidação dos diplomas dos médicos formados no exterior, e a última, uma das poucas que tratava diretamente de “estrangeiros”, onde o correspondente de Portugal, André Luiz Azevedo, dizia que os médicos portugueses não se animaram com as condições de trabalho no Brasil, dessa ou dessa forma. Já no mês de junho, apenas uma matéria foi ao ar, falando sobre um protesto que os brasileiros fizeram contra a vinda de profissionais estrangeiros. A peça que tem duração de 2’34’’ ouve apenas fontes consideradas oficiais, como o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, o presidente da Associação Paulista de Medicina, Florisval Meinão, o diretor da Associação Médica Brasileira, José Bonamigo e o coordenador de residência médica da USP, Luis Yu. Sem levar em consideração fontes populares, imigrantes ou estrangeiras. Em julho aparecem duas peças, a primeira sobre a sobra de vagas no PMM e a segunda reforçando o conceito de que essas vagas só seriam destinadas a estrangeiros se os brasileiros recusassem. Ambas foram notas peladas (sem passagem, *off* ou entrevistado). No mês de agosto foram analisadas nove peças. As cinco primeiras falavam sobre mais protestos, novamente a sobra de vagas e o término do prazo das inscrições para quem quisesse participar do programa. Apenas quatro meses depois e na sexta peça é que os médicos são ouvidos pelo noticiário. A matéria dizia que mais de 300 médicos estrangeiros começaram a trabalhar no Brasil e havia entrevista com um médico brasileiro. Na sequência, as outras três peças contextualizavam a chegada, de fato, dos estrangeiros ao Brasil. Setembro foi mês recorde de matérias sobre o assunto, contabilizando um total de 12 peças. A primeira, dia 2, contava que começava oficialmente o PMM, onde quase 2.000 médicos brasileiros formados no exterior chegaram a postos de saúde de todo o país, tratava-se de um link ao vivo e não havia entrevista com nenhuma fonte. No dia 3, segue uma matéria falando que poucos pacientes haviam sido atendidos no primeiro dia do



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

programa, uma dona de casa e uma médica foram entrevistadas. Na sequência há matérias contextualizando o dia a dia dos profissionais estrangeiros, denúncias contra o programa, revalidação de diploma e no dia 26, três matérias distintas abordavam o tema. A primeira sobre o presidente do CRM do Paraná, Alexandre Bley, que renunciou ao cargo em protesto contra o PMM, a segunda falava que o Ministério da Saúde divulgou balanço da segunda etapa do Programa e a terceira sobre os profissionais selecionados que iriam ganhar o primeiro salário sem trabalhar.

Conclusão

A análise do telejornal Bom dia Brasil revelou uma conclusão bastante sutil, e que facilmente poderia passar despercebida. As matérias veiculadas sobre o Programa Mais Médicos, subjetivamente continham a preocupação com a saúde, mas inevitavelmente e com base no quadro anterior percebe-se um forte viés político. A grande maioria das chamadas aconteciam diretamente da praça de Brasília e com fontes como ministros, presidentes de conselhos, secretários e até procuradores, mas em apenas oito peças foram ouvidos médicos, e cinco delas com médicos estrangeiros, quase sempre da mesma nacionalidade – cubanos.

A partir dessa última afirmação, constata-se também a falta de aprofundamento no tema, uma vez que nas divulgações, teoricamente, viriam médicos da Espanha, Bolívia, Portugal, Cabo verde, Cuba, Argentina, Venezuela e foram ouvidos apenas cubanos. As matérias duravam em média dois minutos, e isso pode ser caracterizado ao estilo televisivo, mas se tratando de um assunto importante como esse, talvez fosse o caso de serem realizadas algumas reportagens especiais, o que não aconteceu.

Ainda sobre a questão das fontes, houve uma repetição bastante enfática em relação as escolhidas, já que na maioria das matérias os dois oradores principais eram o ministro da saúde, Alexandre Padilha e o presidente do Conselho Federal de Medicina, Roberto Luiz D'ávila. Também não foram ouvidas fontes populares, como cidadãos que precisam de atendimentos médico. Somente uma peça refletiu isso, com a dona de casa Crislaine Souza.. Dentre essas 28 peças analisadas, apenas uma se deu no âmbito internacional, com o correspondente André Luiz Azevedo, que estava em Portugal e pôde contextualizar o tema a partir de outro ponto de vista, incluindo em



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

entrevista fontes estrangeiras. Vale ressaltar também, que em nenhum momento, de nenhuma reportagem, esses estrangeiros foram ouvidos sobre a forma com que se sentiam perante os protestos feitos pelos brasileiros.

A concepção de DaMatta revela o brasileiro como um povo, acima de tudo, unido. É a família grande, que recebe bem os amigos e que não deixa os compatriotas passarem necessidade. É o povo alegre, que mesmo com muitas adversidades mantém os laços de afinidade sempre intactos. Essa cordialidade por sua vez, e talvez até mesmo por esses fatos citados, pode não ser a mesma com que eles tratam os imigrantes, uma vez que esse último é etnicamente diferente e o parentesco não existe, causando estranhamento. A mídia por sua vez, e até onde pôde-se analisar via matérias jornalísticas, não passa despercebido e demonstra esse papel adverso aos estrangeiros. Em poucos momentos as peças dos jornais preocuparam-se em mostrar o brasileiro como um povo receptivo. Isso aconteceu apenas em situações em que os médicos chegaram nas comunidades onde eram aguardados. Talvez por essa concepção, pode-se entender que a questão de classes também tenha influência, uma vez que os profissionais brasileiros eram contra e protestavam, mas já a população, que por sua vez seria beneficiada, foi a favor e também receptiva. Esse mesmo povo descrito por DaMatta pouco apareceu nas reportagens, que ainda sobre o tema “fontes”, deixou de ouvir quem seria mais impactado. Optou-se por focar em fontes oficiais e governamentais, na maioria das vezes, e sequer teve a cautela de falar sobre a questão dos estrangeiros que chegariam ao país, enfrentando grande turbulência e preconceito.

Diante das câmeras os médicos brasileiros diziam não estar de acordo com a vinda dos estrangeiros por uma série de fatores, mas será que no momento em que ele estivesse sozinho, ou em contato com um estrangeiro, pensaria a mesma coisa? Nesse ponto entra a questão das representações sociais, comentadas por Goffman, pois nem sempre a reação que se tem em frente a um veículo midiático é a mesma que se tem quando se está sozinho. Pode e provavelmente irá aderir a um papel que a sociedade impõe, uma vez que ele pode querer ser a favor da vinda dos estrangeiros, mas perante a classe médica isso seria inaceitável e iria contra os princípios legais, então ele opta por ser complacente com aquilo, mesmo não estando satisfeito.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

A identidade é o ponto chave para se entender vários aspectos que conduzem os seres humanos. Cada um tem o livre arbítrio de identifica-se com certas coisas ou repelir-se mediante outras. Para DaMatta (1997), isso é normal e também uma forma de distinção de nações. Conforme o estudo feito sobre o Programa Mais Médicos, o que se pode concluir é que a mídia interfere diretamente nessa concepção de “imigrantes” e até mesmo na aceitação deles pelo povo nativo. Não é de hoje que a imprensa desempenha o papel de formadora de opinião, uma vez que rádio e televisão são os meios de maior propagação de ideias. No telejornal matutino Bom Dia Brasil, a falta de preocupação com alguns detalhes, evidenciou algumas falhas por parte dos repórteres que poderiam apenas acentuar o preconceito com os mesmos. Em diversas peças analisadas, os poucos médicos estrangeiros que concederam entrevista, sequer tinham o nome no GC (legenda) da matéria, o que não aconteceu com os brasileiros entrevistados. O motivo do fato é questionável, uma vez que, assim como qualquer outro entrevistado, esses profissionais eram fontes confiáveis e que mereciam ser nomeados claramente. Ou seja, esse tema era bastante relevante a população, pois evolvia o sistema de saúde brasileiro e nem sequer tinha o destaque apropriado no começo do telejornal.

Bibliografia

BECKER, Beatriz. *Uma experiência de leitura de mídia: do mito da imagem ao diálogo televisual*. Cadernos de Letras. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 26, jun. 2010.

COUTINHO, Iluska. *Algumas reflexões sobre as características do telejornalismo e os limites da tv como meio de informação*. I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília – DF, 2003.

Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t026.doc>.>. Acessado em 11/09/2013

CUNHA, Isabel Ferin. *Análise dos media*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2012.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rocco, 6ª ed. Rio de Janeiro, 1997.

DAMATTA, Roberto. *O que faz do brasil, Brasil?* Rocco, 12ª ed. Rio de Janeiro, 2001.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Editora Vozes: Petrópolis, 10ª ed., 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. LTC: Rio de Janeiro, 4ª ed., 1988.

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Pacto Nacional pela Saúde. Informe Mais Médicos*, 2013. Disponível em
<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2013/Ago/21/2013_08_21_informe_mais_medicos.pdf>. Acessado em 15/09/2013.

SCHEUFELE, D.A. *Framing as a theory of media effects*. *Journal of Communication*, New York, v. 49, n. 1, p. 103-122, mar. 1999.